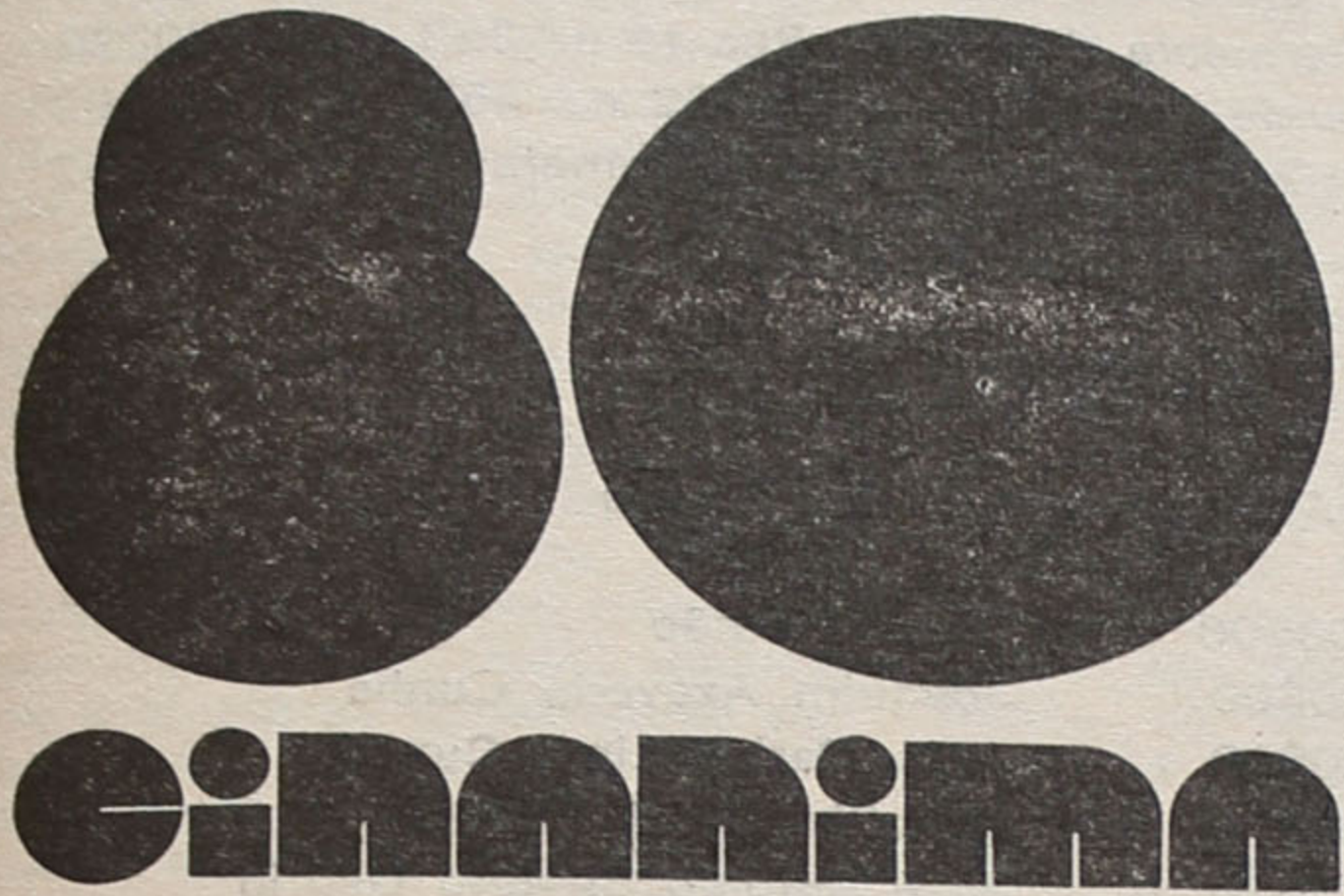


Mais viva

Director: ANTÓNIO SANTOS

SEMANÁRIO

ANO V N.º 224 — PREÇO 6\$00 — 20/11/80



ESPINHO, CAPITAL DO CINEMA DE ANIMAÇÃO



- 28 países representados
- Cerca de 200 filmes
- Sessões para as Escolas
- Atelier, o grande passo



DESENVOLVIMENTO
NAS PÁGINAS
CENTRAIS

ROLANDO DE SOUSA

Presidente do
D. A. A. do
Sp. Espinho

«Não fazemos
loucuras»

pág. 8 e 7

BAIRRO PISCATÓRIO

Esta a lição que aprendemos com as gentes do Bairro no passado domingo: com serenidade, mas também com a firmeza daqueles que nada têm a perder e tudo têm a ganhar os moradores do Bairro Piscatório formaram já a sua Comissão, que, com legitimidade, os representará nas novas etapas da luta que se aproxima e que «farão correr muita tinta», segundo nos afirmaram. De original em coisas destas, registamos o facto de

não serem admitidas mulheres, a menos que fossem chefes de família. Porquê, indagamos? — «Fazem muito barulho», foi o argumento unânime, «e o assunto é demasiado sério». Mas será que o problema não lhes respeita também a elas?

«QUEM MANDA AQUI
É O POVO»

Este foi o lema que a Comissão formada para tratar do grave problema

ORGANIZAR PARA VENCER

das rendas e propriedade das casas adoptou. «Não será nenhum senhor bem falante, da Câmara ou donde quèr que seja que nos fará mudar de ideias». «Para já, ninguém deve pagar a renda. Isso é trair a nossa luta e tornar as coisas mais difíceis e quem o fizer será apontado».

Ao lado fomos ouvindo que já terá havido moradores a furar, mas que o segredo bancário não deixa ainda conhecer.

PROGRAMA DA AD
É SÓ PAPEL

Foi criticado com veemência o programa eleitoral da AD para as autarquias locais, onde aquela força política afirmava que não faria «promessas como os socialistas e comunistas, mas que iam de facto dar as casas ao povo». Afinal, foi no Governo AD que os problemas se levantaram o que causou

página 8

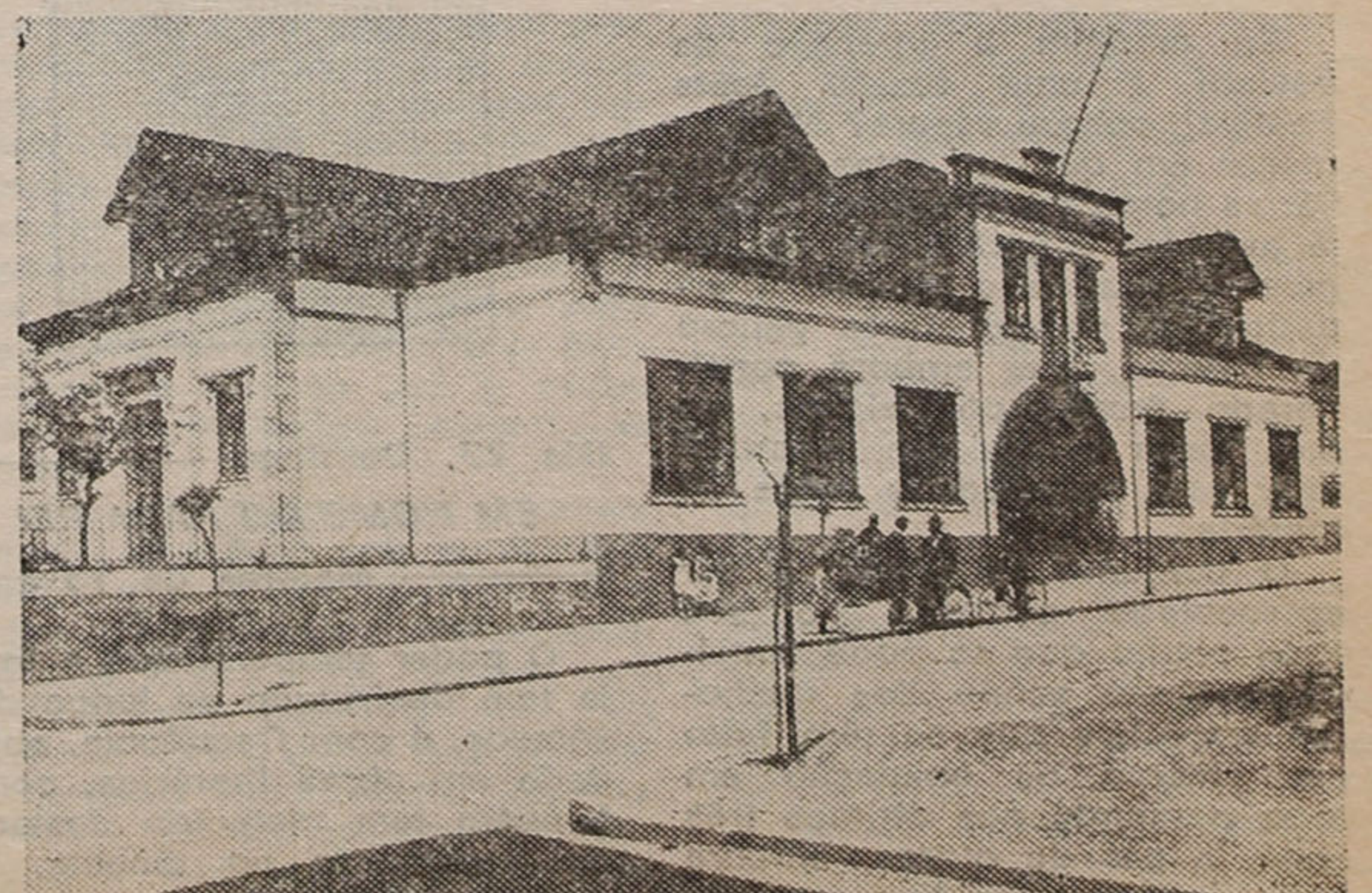
ESCOLA RÉGIA FECHOU

Algumas semanas atrás, silenciosamente, despercebidamente, fechou as suas portas a velha «escola régia», a escola primária número 3, da rua 23. Com esse facto ficou encerrado um capítulo importante da vida escolar

de Espinho, desapareceu o palco por onde passaram algumas gerações de alunas e de professoras. Mas ainda antes de o pó da história se amontoar inexoravelmente sobre mais essa «pedra viva» do nosso passado colectivo,

aqui deixamos o pouco que pudemos ainda reconstituir do que foi, durante largos anos, a vida e trabalho na «escola régia».

página 3



CIDADE

Novo edifício dos CTT vai arrancar

Depois de uma prolongada espera, parece que irão, finalmente, iniciar-se as obras de construção da nova central dos correios de Espinho, que virá a ficar localizada no quarteirão situado entre as ruas 26-28 e 25-27. De facto, a zona indicada encontra-se já preparada, após a demolição de uma casa que lá existia, e prevê-se que em breve se inicie a construção. A este avanço não deve ser estranha uma recente deslocação de elementos dos CTT à Câmara

de Espinho, onde puderam constatar que, no que dizia respeito àquela autarquia, o processo poderia avançar imediatamente. Porém, até o novo edifício vir a ser uma realidade, iremos ainda, naturalmente, continuar a assistir às grandes bichas que se formam na única estação de correios permanente na cidade, cuja procura foi um pouco minorada graças à unidade ambulante que os CTT mantiveram na baixa da cidade durante algumas semanas no Verão passado.

Criminalidade continua a baixar

No relatório mensal da PSP de Espinho, referente ao mês de Outubro está patente a animadora realidade de que os índices de criminalidade continuam a manter uma tendência descendente. Excepção feita ao furto de automóveis, que continua com níveis crescentes.

Entretanto, a tarefa da PSP processou-se normalmente. No capítulo «Trânsito» a acção policial incidiu sobre a falta de pára-lamas nos veículos e sobre

a verificação da presença (ou não) nos pára-brisas do selo do imposto.

E já agora, leitor, fique com este conselho: se os pneus do seu carro estão a pedir reforma, faça-a o mais depressa possível. É que, para além de ser perigoso andar mal «calçado», a Secção de Trânsito da PSP local, vai incidir a sua acção deste mês sobre o estado dos pneus! Quem o avisa...

CERCIESPINHO Cooperativa de Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas

CONVOCATÓRIA

Convoco os Senhores Accionistas para uma Assembleia Geral Ordinária a realizar no dia 28 de Novembro, pelas 20,30 horas na sede desta Cooperativa, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1) Leitura e aprovação de acta anterior

- 2) Eleição dos Corpos Gerentes para o biénio de 1981/82

- 3) Discussão de qualquer assunto de interesse para a Cerci.

Não estando presentes a maioria dos accionistas, esta Assembleia, funcionará 1 hora depois, com qualquer número.

Espinho, 17 de Novembro de 1980.

O Presidente da Assembleia Geral,

Arq.º Jerónimo Ferreira Reis

OUTRA RAZIA NA FEIRA

Mais uma vez, «mãozinhas misteriosas», actuaram desenfreadamente na nossa Feira. Como se não bastasse o preço a que está tudo, quatro pessoas viram desaparecer os seus porta-moedas: Maria Clara Duarte, Olívia Ferreira, Maria de Fátima Oliveira e Maria José Neves foram «aliviadas» respectivamente de 4 000\$00, 1 500\$00, 500\$00 e 3 300\$00. Grande colheita!

DE MANGUEIRA E GARRAFÃO...

Com estes «instrumentos» andavam Joaquim Costa, José Manuel Ribeiro e António Silva, todos de Serzedo. Já com a mangueira no depósito de gasolina de um automóvel estacionado numa rua de Espinho, preparavam-se para fazer mais uma «trasfega» quando... apareceu a Polícia. Na esquadra apurou-se que já eram conhecidos na «arte». Agora, no tribunal, vão prestar contas do «abastecimento».

MAIS UM SEM MÚSICA

O gosto musical dos chamados «amigos do alheio» continua apurado. Vitima desse gosto foi o sr. Guilhermino Pereira que era proprietário de um rádio-leitor de cassettes pelo qual tinha pago dez contos. Era proprietário porque o aparelho «fugiu» de dentro do seu automóvel, uma destas noites.

ACADEMIA DE MÚSICA DE ESPINHO

Na próxima 2.ª feira, dia 24, pelas 19 horas, serão entregues na Academia os diplomas referentes ao ano lectivo último, do *First Certificate in English* (Universidade de Cambridge) aos seguintes alunos: Maria Isabel Matos, Maria Margarida Cunha Serra Rodrigues, José Fernandes de Oliveira, Bruno Paulo Morris Ferreira Pereira, Jorge Henrique Vilares Neto Pinhal e Augusto Marques Ferreira da Silva.

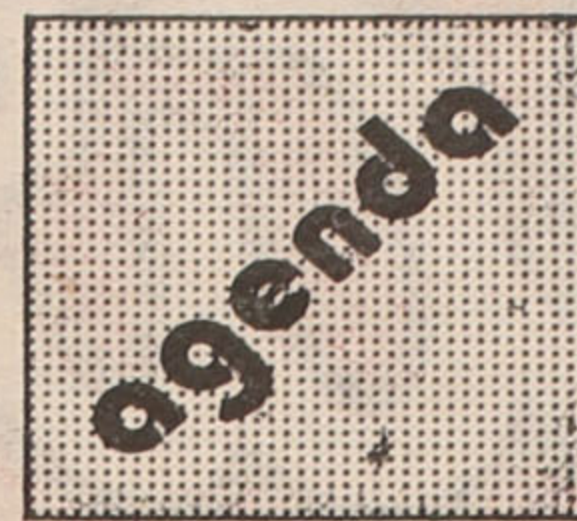
da sua competência. A realização de Luigi Magni, sustentada sobretudo pelo excelente trabalho de Nino Manfredi, trata com interesse determinada situação ocorrida no século passado e que, apesar disso não perde a sua actualidade.

Dia 25, Terça-feira

A TERRA DAS MIL AVENTURAS

Maiores de 13 anos

Quem se considera um sério apreciador de «westerns» já históricos ou clássicos — como *queira* — dispõe de uma boa oportunidade para matar saudades, sem estar pendurado na programação da TV. O protagonista é o «Duke» (John Wayne) então ainda em excelente forma, e o responsável pela realização um veterano na matéria: Henry Hathaway. É de recomendar sem esforço.



Farmácias

Quinta — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 920092
Sexta — Teixeira — Av. 8 Centro Comercial - Tel. 920352
Sábado — Farmácia Santos — Rua 19 n.º 263 - Tel. 920331
Domingo — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 920250
Segunda — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 920320
Terça — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 920092
Quarta — Teixeira — Av. 8 Centro Comercial - Tel. 920352

Rifas da Nascente

31.ª Semana / Extracção de 13-11-80

| | | |
|-----|-----------|------------------------------|
| 088 | 1 000\$00 | José Mourão |
| 188 | 100\$00 | Joaquim Azevedo Cunha |
| 288 | 100\$00 | João Carlos Lima Curral |
| 388 | 100\$00 | Donzília Casal Ribeiro |
| 488 | 100\$00 | José António Silvério Osório |
| 588 | 100\$00 | Ermelinda Miranda Valente |
| 688 | 100\$00 | Abílio Soares de Abreu |
| 788 | 100\$00 | Manuel Soares Santos |
| 888 | 100\$00 | Diamantino Oliveira Santos |
| 988 | 100\$00 | Luz Ferreira Gaio Neves |

MARÉ VIVA

Director:
ANTONIO SANTOS

Redacção:
RUA 62 N.º 251 - 1.ª
TEL. 921621 — ESPINHO

SEMANARIO

Propriedade:

NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número:

António Santos, Joaquim Fidalgo, Luís Costa, Nuno Barbosa e Victor Sousa (redactores); Ana Maria, Augusto Mota, Eugénio Morais e José Cruz (colaboradores de redacção).

Composição e impressão:

TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRÁFICA DE ESPINHO, S.C.R.L.
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

Tiragem média: 1.500 exemplares

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

Edital número 85/80

JOSÉ CARVALHO DA FONSECA, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO:

Faz saber que a Câmara Municipal de Espinho, em sua reunião de 16 do corrente mês, foi deliberado proceder à desafectação do domínio público, de uma parcela de terreno com a área de 330 m² a destacar no lugar da Estrada, freguesia de Anta, deste concelho.

Mais faz público que a referida parcela tem as seguintes confrontações: Norte — Quintino de Oliveira Catarino; Sul —

Fernando Amorim e Artur Pinto; Nascente e Poente com caminhos públicos, e à qual é atribuído o valor de 80\$00/m² e valor global de 26 400\$00 (vinte e seis mil e quatrocentos escudos).

Assim, por este meio, se convidam todos os interessados a apresentar dentro do prazo de 20 dias a contar desta data, qualquer reclamação que entendam dever fazer quanto à desafectação daquela parcela.

E, para constar se passou este e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo.

Espinho e Paços do Concelho, 31 de Outubro de 1980.

O PRESIDENTE DA CÂMARA,
José Carvalho da Fonseca

Dia 20 a 23

Quinta-feira a Domingo

CINANIMA 80

Se mantém a intenção de assistir a uma sessão deste Festival, porque espera? No momento em que ler estas linhas, várias horas de projecção foram já exibidas e certamente de excelente qualidade técnica e artística no campo deste género de cinema, que embora considerado menor por alguns, se lhes torna extremamente difícil falar com propriedade sobre tal matéria.

O conjunto de filmes a ser apresentado constitui no seu todo aquilo que se pode considerar como sendo dos melhores trabalhos que se têm feito em cinema de animação em todo o mundo nos últimos três anos, a par de outros, embora mais antigos, mas que por isso mesmo merecem de tempós em tempos ser apreciados.



Dia 23, Domingo

EM NOME DO PAPA REI

Maiores de 13 anos

O poder temporal que a Igreja tem desfrutado ao longo dos séculos, é com frequência, abordado em obras literárias, como também tem merecido destaque tratamento no cinema, na maior parte das vezes denunciando a sua intervenção pouco recomendável em assuntos fora

Assine o MARÉ-VIVA

Águeda Pinhal Bouçon

Sua família vem, por este único meio, agradecer a todas as pessoas que acompanharam o funeral da saudosa extinta e que compareceram à missa de sétimo dia.

«ESCOLA RÉGIA:»

À PROCURA DO NOSSO PASSADO

Espinho é hoje uma cidade que, só no sector do ensino primário, justifica a existência de quatro escolas, todas a funcionar com aulas de manhã e de tarde, frequentadas por centenas de alunos, e onde trabalham algumas dezenas de professores. E o crescimento tem sido tal que há necessidade imperiosa de mais salas de aula, mais escolas, mais espaços para as crianças que anualmente se vão matricular.

Mas, evidentemente, não foi sempre assim. Tempo houve em que as escolas eram poucas, os professores contavam-se pelos dedos e os alunos... bom, era o tempo em que a regra era ser-se analfabeto, por isso muitos nunca sequer aprenderiam a soletrar as primeiras letras ou a riscar os dez algarismos.

Ao que consta, quando Espinho se tornou concelho, corria o ano de 1899, havia uma única escola, aliás um edifício em ruínas, vindo pouco depois a ser construída outra. Mais tarde,

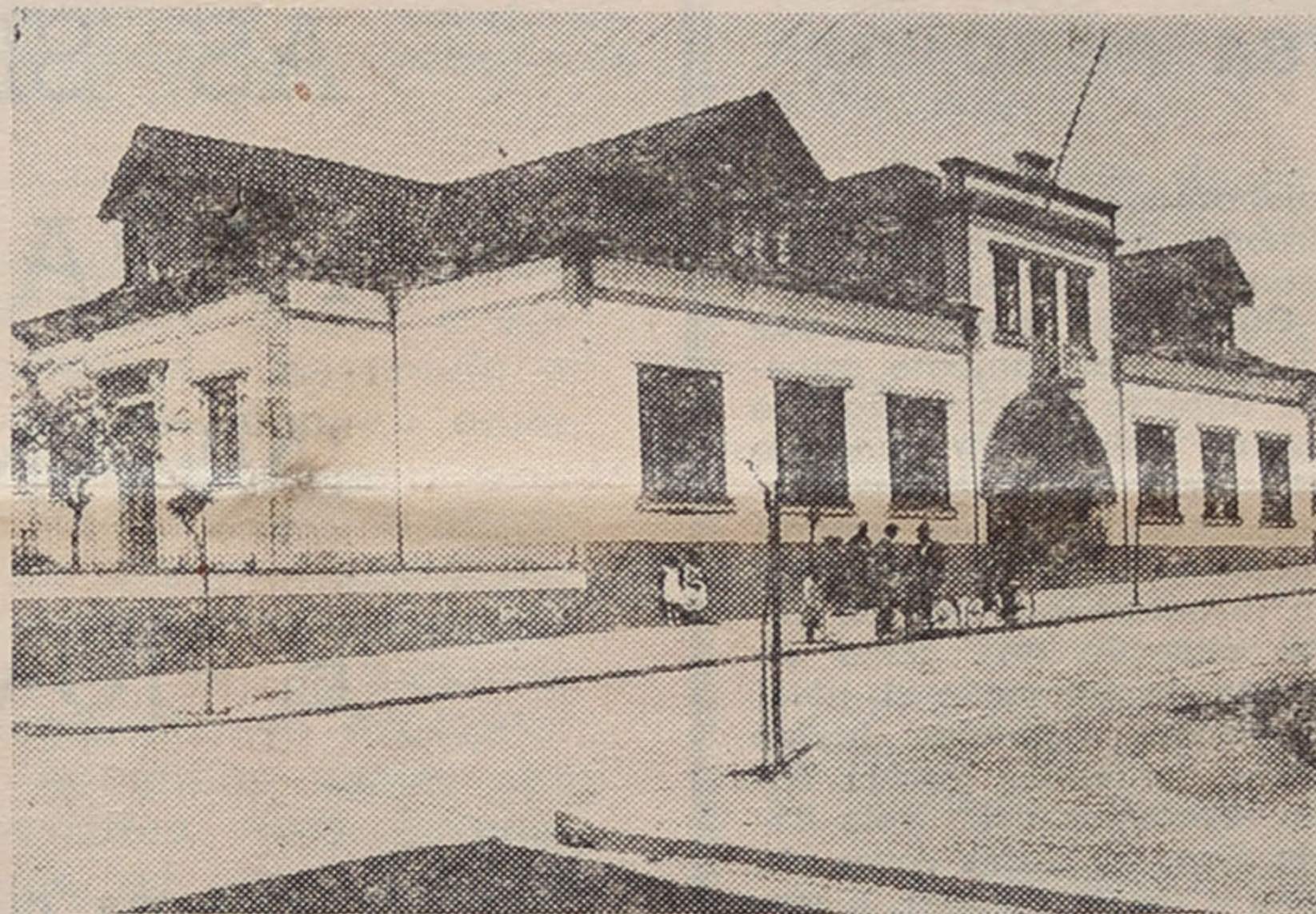
beneficiando de disposições testamentárias do Conde de Ferreira, outra escola foi erguida. Até que surgiu, em ano e circunstâncias ainda não muito claras, aquela a que se chamou «escola régia», nome porque foi conhecida durante muito tempo a escola existente na rua 23, de alunas, nesse tempo em que a separação dos sexos no ensino era rígida e a coeducação era ainda uma conquista de um futuro que vinha bem longe.

Tão longa foi a sua existência que, no momento em que acaba de encerrar definitivamente as suas portas como escola, é um pouco da história passada de Espinho, um Espinho antigo que os mais novos nem sequer imaginam que tenha existido e os mais velhos já quase esqueceram nas memórias do tempo, que se vai para sempre com ela. Uma história feita por professores que já em meados deste século ganhavam ainda «catorze e setecentos», vivida por alunas que «tinham de apren-

der a geografia toda, não era como agora, nesse tempo ficava-se a saber», numa terra onde os automóveis não existiam e o grande perigo para as crianças ao irem para a escola eram as passagens de nível, onde o comboio devia passar com intervalos de digestão feita. Um tempo em que os alunos, ao passar pelo professor, lhe pediam a bênção e beijavam a mão.

E fomos à procura do passado. Que o há em Espinho, embora se diga que é, e seja de facto, uma terra nova. Talvez por isso, não aprendeu ainda o valor das pedras queimadas pelos anos, da história daquilo que nos trouxe até ao que somos e daí que os nossos esforços para saber coisas sobre a velha escola da rua 23 não

tenham sido muito recompensados. A delegação escolar não está decididamente vocacionada para albergue histórico e a Junta de Freguesia está na posse de muita papelada ainda não tratada e que ainda vai levar o seu tempo. Contactos com várias pessoas interessadas no passado de Espinho não foram também particularmente produtivos e para nos dar uma imagem do que era aquela escola, do que eram, afinal, as escolas daquele tempo, restam-nos dois depoimentos, que agradecemos, de duas pessoas que por lá passaram, uma professora, hoje aposentada, D. Conceição Domingues, e uma aluna desse tempo, D. Hortense Barbosa, por sinal hoje professora por sua vez, ainda que em ramo diferente.



Afinal, o edifício já tem dono, a Direcção-Geral de Equipamento Escolar. E, ao que consta da Câmara, se reunir condições poderá vir a ser aproveitado para o ensino pré-primário. Que alternativas para os fins culturais a que se destinava? Onde os alojar?

O EXAME DA QUARTA E O DIA DA ÁRVORE

«A VIDA DAS ALUNAS ERA MUITO RECATADA»

Outro contributo valioso para a nossa busca, encontrámo-lo na conversa que mantivemos com D. Hortense Barbosa que foi, em meados dos anos vinte, aluna da «escola régia».

«O ensino era muito bom», começou por nos dizer a nossa entrevistada, «a vida das alunas era recatada». Quanto à matéria, ela era muita, «parecíamos empregados da CP», referindo-se à obrigatoriedade de saber todas as estações e apeadeiros de todas as linhas dos caminhos-de-ferro. Já naquela altura os problemas com a aritmética eram enormes: «sempre lhes tive horror», exclamou, «e só os consegui resolver graças à ajuda de meu falecido pai». «Todos os dias tínhamos trabalhos de casa... e que quantidades!»

Segundo conta D. Hortense Barbosa, dois acontecimentos na sua vida escolar continuam ainda bem gravados na memória: o exame da 4.ª classe e o Dia da Árvore.

Quanto ao primeiro, «era um dia de festa, as alunas vestiam o melhor que tinham. Pais e familiares iam assistir... o jantar era melhorado...» conta-nos. «Como a minha mãe dizia: é um dia importante na tua

vida». Dia importante sobretudo para aqueles que não podiam continuar a estudar, pois, se atendermos à época, o analfabetismo era muito maior do que actualmente, e daqueles que concluíam a instrução primária, apenas uma pequena maioria continuava os seus estudos.

Quanto ao Dia da Árvore, gostava muito; na véspera «o professor fazia uma alusão ao significado da data e da árvore e, no dia seguinte, íamos plantar árvores. Ainda deve aí haver uma que eu plantei».

Uma outra data especialmente comemorada foi a da travessia do Atlântico Sul por Gago Coutinho e Sacadura Cabral. «Fizemos uma pequena festa, com poemas, etc.»

A AMIZADE E OS DIVERTIMENTOS

«Não tínhamos outros divertimentos a não ser brincar com os brinquedos em casa». No recreio da escola, brincávamos ao pilha, à macaca, às pedrinhas, coisas muito ingénuas. As provas de amizade revelavam-se com «trocas de santinhos ou de pratinhas de chocolates».

Quase à laia de conclusão disse-nos: «Sabíamos mais do que agora sabem os alunos da primária,

estudávamos muito, mas gostávamos muito de andar na escola».

Várias vezes D. Hortense Barbosa se referiu à professora Carolina Sá Rui, que considerou «severa, mas extraordinária»; «marcou uma época na vida escolar espinhense».

E HOJE?

«Hoje é totalmente diferente», respondeu de imediato.

«Hoje pesam muito factores externos à escola como a televisão e os muitos divertimentos que os estudantes têm ao dispor. Há um afastamento da escola pelo aluno, e uma aproximação do prazer. Há uma evolução positiva na relação aluno-professor», segundo D. Hortense Barbosa que é professora há largos anos. «A ligação professor-aluno é a melhor coisa que há na vida de um professor e de um estudante».

Embora reconheça que, quando foi estudante, os alunos estavam «subordinados ao medo», agora cai-se no extremo oposto, reinando, em parte, «falta de respeito pelo professor».

«ERA A HISTÓRIA TODA, A GEOGRAFIA DE PORTUGAL E COLÓNIAS...»

«Quando vim para a escola, isto no ano de 1935, ela era feminina, claro, e assim ficou sempre, e era directora nessa altura a D. Alcina Pinho, - começou por nos dizer D. Conceição Domingues. Trabalhava-se então de manhã e de tarde, para preparar as alunas até à quarta classe. Aquelas que estavam em ano de exame tinham de trabalhar até mais tarde com as alunas e muitas vezes vínhamos com elas para casa, sobretudo se as queríamos preparar para o exame de admissão, e lá ficávamos a ensinar até à noite, que nesse tempo aprendia-se mais».

Os programas eram maiores, mais puxados, era a história toda, a geografia de Portugal e das colónias, tudo ali bem sabidinho, porque vinha um presidente para o júri de fora e ninguém queria ficar a parecer mal. Ainda hoje encontro minhas alunas que me dizem, «Ai D. Conceição, nós dantes aprendíamos mais do que os nosso filhos agora». Que

ESCOLA PASSA A MUSEU?

Consumado o encerramento da velha escola da rua 23, que se verifica aliás em circunstâncias ainda pouco esclarecidas e entre rumores de que foi «jeito» concedido a professoras que viam mal a possibilidade de terem de vir a trabalhar em regime normal (manhã e tarde) se algumas salas daquela escola se mantivessem em funcionamento juntamente com a nova escola junto ao salão paroquial, que era o esquema inicialmente previsto, está por definir qual irá ser o destino do edifício que embora em mau estado parece justificar ainda, naturalmente, algum interesse.

Ao que subemos, não é sequer ainda certó quem é neste momento o seu legal proprietário. Se, por um lado, há quem diga que a Junta de Freguesia o comprou em 1909 por 4 mil réis, outros são de opinião que o edifício seria pertença da Junta apenas enquanto funcionasse como escola. Neste momento, e como já vinha acontecendo desde há meses, as suas salas em melhor estado servem para instalação provisória do tão desejado museu de Espinho e são também utilizadas pelo orfeão. Estará na mente de alguém vir a transformar a velha escola no tão falado centro cultural camarário? Até ao momento nada nos permite concluir que assim seja, mas o que não pode ser esquecido é que a sua eventual utilização para fins culturais deverá ser possibilitada a qualquer grupo ou colectividade que nisso esteja interessada, como acontece com outras instalações municipais. Surge assim mais uma vez com insistência a necessidade imperiosa da Câmara fazer avançar o projecto do centro cultural que, como se torna cada vez mais evidente, é condição imprescindível para o maior desenvolvimento das acções culturais em Espinho.

se trabalhava, lá isso é verdade, e não havia tanto material como agora, era o livro de leitura e a lousa para as contas e o quadro, claro.

Era também um tempo em que os professores passavam algumas dificuldades, aqueles que tinham de viver só do seu ordenado que era de 14\$70 por mês, e sem direito a subsídio de férias ou décimo terceiro mês, pois. Nessa altura moravam duas professoras, nós éramos quatro, cada uma com a sua classe, na própria escola, na parte de cima. Tínhamos turmas muito grandes, quarenta alunos e mais, e era uma vida de muito trabalho. Que também tinha as suas alegrias, quando se fazia uma exposição dos trabalhos, ou quando os exames corriam bem. Os pais eram como calhava, uns apareciam para saber se os filhos iam, outros não se interessavam, queriam lá saber. Hoje não sei como é ao certo, mas ouço dizer que está tudo muito diferente...

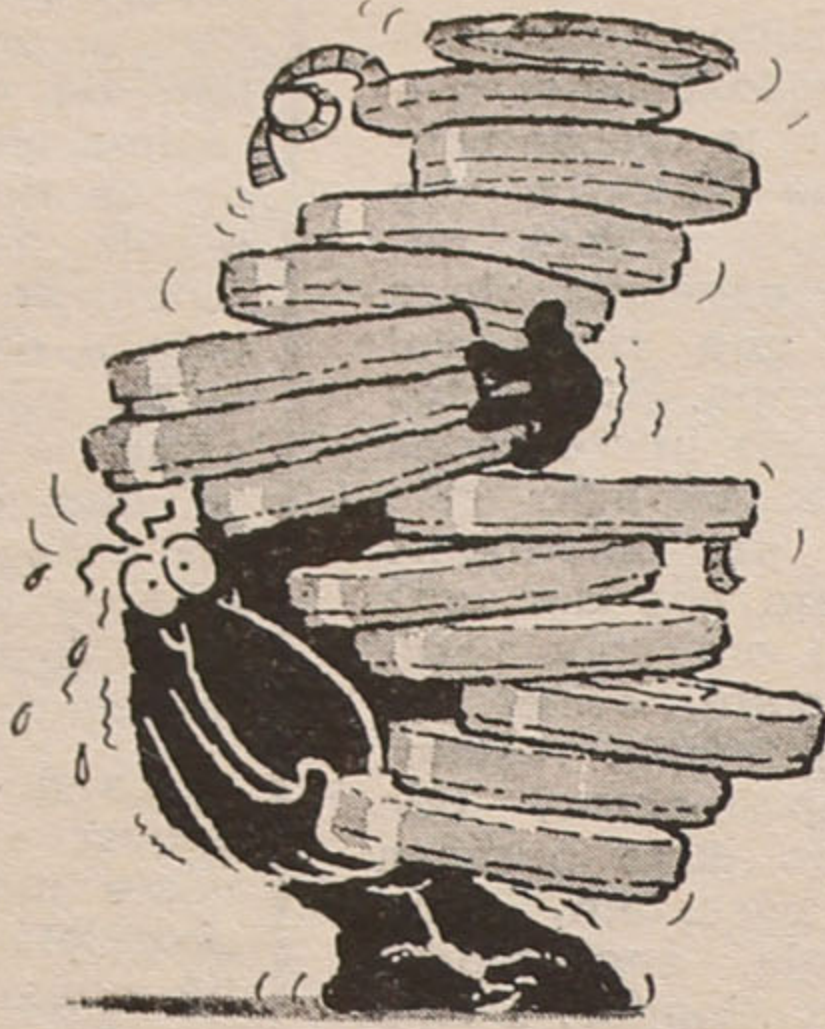
M MOREIRA OCUUSTA
ÓPTICA
INSTRUMENTOS DE PRECISÃO
RUA 27 N.º 700
4500 ESPINHO

nanima 80 ★

Cinanima 80 ★

Cinanima

PELA QUARTA VEZ



O ENSINO DO CINEMA DE ANIMAÇÃO EM MESA REDONDA

No âmbito do atelier, vai realizar-se amanhã, sexta-feira, uma importante mesa-redonda: importante pelas pessoas que nela participarão; importante pelas causas que levaram à sua realização e ainda pelas consequências que, pensa-se, daí resultarão. Mas quem vai afinal participar e quais os objectivos a atingir?

No seguimento do trabalho desenvolvido pelo atelier (experiência inédita a que o CINANIMA meteu ombros), várias foram as pessoas, directa ou indirectamente ligadas à feitura do cinema de animação, que se interessaram pela ideia, dadas as potencialidades que possui e que podem (devem) ser devidamente exploradas. Algumas dessas pessoas foram as que estarão na mesa redonda. Citemos entre outros: Juan Moncada, Director do Sector de Artes Gráficas da Escola Superior de Belas Artes de Barcelona; Ana Miquel, professora na mesma escola; Roger Noake, membro do júri do CINANIMA 80, e professor do Surrey College da Grã-Bretanha; Paulo Maria, professor do Instituto de Belas Artes da Madeira; Lagoa Henriques, professor da E.S. B. Artes de Lisboa; Beatriz Alçada e Fernando Sousa Lopes, professores da E.S.B. Artes do Porto; e ainda o já nosso conhecido e habitual

colaborador Gaston Roch, também professor de Belas Artes, mas na Bélgica.

Quanto aos objectivos, eles só serão devidamente traçados durante a discussão e à medida que forem surgindo dados concretos, mas poder-se-á apontar muito resumidamente, a necessidade de um levantamento real da actual situação do ensino do cinema de animação ao nível da Península Ibérica (cujas únicas tentativas sérias foram levadas a cabo pela Escola Sup. de Belas Artes do Porto e de Barcelona), a troca de experiências (já que se por um lado há pessoas devidamente enquadradas nos aspectos técnicos do cinema animado, outras há que ganharão bastante com esta troca) e ainda a tentativa de um trabalho conjunto, entre as escolas do Porto e de Barcelona, com um possível alargamento ao Instituto de Belas Artes da Madeira e à Escola Sp. de Belas Artes de Lisboa.

Esta reunião irá ter por certo uma importância fundamental no arranque decisivo do ensino do cinema de animação no nosso país. Se alguém havia que tivesse dúvidas sobre o papel e o alcance duma iniciativa como foi e é o atelier do Cinanima, as palavras acima ditas são mais que suficientes para responder aos duvidosos.

Em 1977 nasceu o CINANIMA. A ideia de criar um Festival deste tipo era, simultaneamente, tímida e ambiciosa. Tímida, porque os meios de que o núcleo organizador dispunha eram limitados. Para além disso, poderia aparecer algo bizarro e de duvidosa concretização o pôr em pé um Festival de Cinema de Animação em Portugal, e ainda por cima fora de Lisboa ou, quando muito do Porto. Ambiciosa era, também, essa mesma ideia. Porque quem a pôs em prática estava possuído da determinação firme de que o «CINANIMA/77» fosse, efectivamente o primeiro, e não o único encontro de C. A. efectuado em Portugal.

Os anos seguintes provaram que a ideia-base tinha frutificado. De edição para edição, o CINANIMA cresceu e foi ganhando o seu lugar próprio no panorama da Animação no Mundo. Hoje, a palavra «CINANIMA» faz parte do vocabulário de todos aqueles que, nos cinco continentes, se interessam ou simplesmente gostam de ver os comumente chamados «desenhos animados».

A prova de tudo isto, aqui está. Estamos em pleno «CINANIMA/80»! E os vinte e oito países que aqui vieram apresentar os seus trabalhos no campo da Animação são a certeza de que aquela pequena ideia concebida em 1977 cresceu e afirmou-se como adulta.

AS SESSÕES PARA A INFÂNCIA E JUVENTUDE



Um dos aspectos que torna o «CINANIMA» um Festival diferente é, sem dúvida nenhuma, a presença constante e sempre interessada das crianças e dos jovens nas sessões que a eles são dedicadas. Tal facto demonstra sem margem para dúvidas, o interesse que a organização do Festival tem para com estas camadas da população. É que, de facto, o Cinema de Animação dirige-se a todas as idades e tem diferentes formas de atingir as várias camadas etárias. E se tivermos em conta que a infância e a juventude são aqueles estratos que, sob o ponto de vista pedagógico, mais poderão aproveitar do C. A., não é de estranhar que, em boa parte, este «CINANIMA/80» lhes seja também dedicado.

Assim, de quarta a sexta-feira, terão lugar sessões especialmente dedicadas às camadas mais jovens. A maior parte das Escolas Primárias do nosso concelho, bem como alguns estabelecimentos de ensino especial, como por exemplo a Cerciespinho, enviarão os seus alunos para o Salão Paroquial de

Espinho, local onde, graças à compreensão da Comissão Angariadora de Fundos desse salão, se efectuarão as sessões para a infância.

No que respeita às sessões para a juventude (a efectuar no Teatro S. Pedro) é de salientar a presença de cerca de trezentos alunos da Escola Secundária da Trofa e da Escola Preparatória de Matosinhos, para além de muitos jovens dos estabelecimentos de ensino preparatório e secundário da nossa cidade.

Para estas sessões, a entrada faz-se mediante bilhetes gratuitos que, em relação às escolas primárias foram distribuídos através da Delegação Escolar local, e dos Conselhos Directivos no que respeita aos ensinos preparatório e secundário. Neste último caso torna-se digno de registo o apoio prestado por alguns professores de Educação Visual que se apercebem que na Animação está um precioso auxiliar na sua actividade docente.

A experiência levada a cabo nas anteriores edi-

ções do Festival, no que respeita a este tipo de sessões, deu já os seus frutos: deste modo, de Cortegaça veio já um convite para a exibição desses filmes na semana seguinte à da realização do «CINANIMA»; igualmente alguns estabelecimentos de ensino dos arredores solicitaram já a cedência de alguns filmes para utilização no decorrer do ano lectivo. Também a partir das experiências anteriores, importantes resultados foram obtidos, como se pode constatar ao verificarmos que alguns dos jovens que foram, nas anteriores edições, meros espectadores, integraram-se nos ateliers e, inclusivamente três deles, com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos têm já um trabalho preparado para fazerem um filme no Atelier deste ano.

A medida que o «CINANIMA» cresce, vai aumentando a participação dos mais novos no Festival. Por exemplo, para este ano está prevista a presença de cerca de três mil crianças e jovens. O que é significativo.

TERRENO COMPRA-SE

Com 500 m² aproxim.

Preferência entre as Ruas 19 e 33
a nascente da Av. 24

Resposta à Redacção ao n.º 50

★ Cinanima 80 ★ Cinanima 80 ★ Ci

Atelier de Animação:

iniciativa que alarga fronteiras

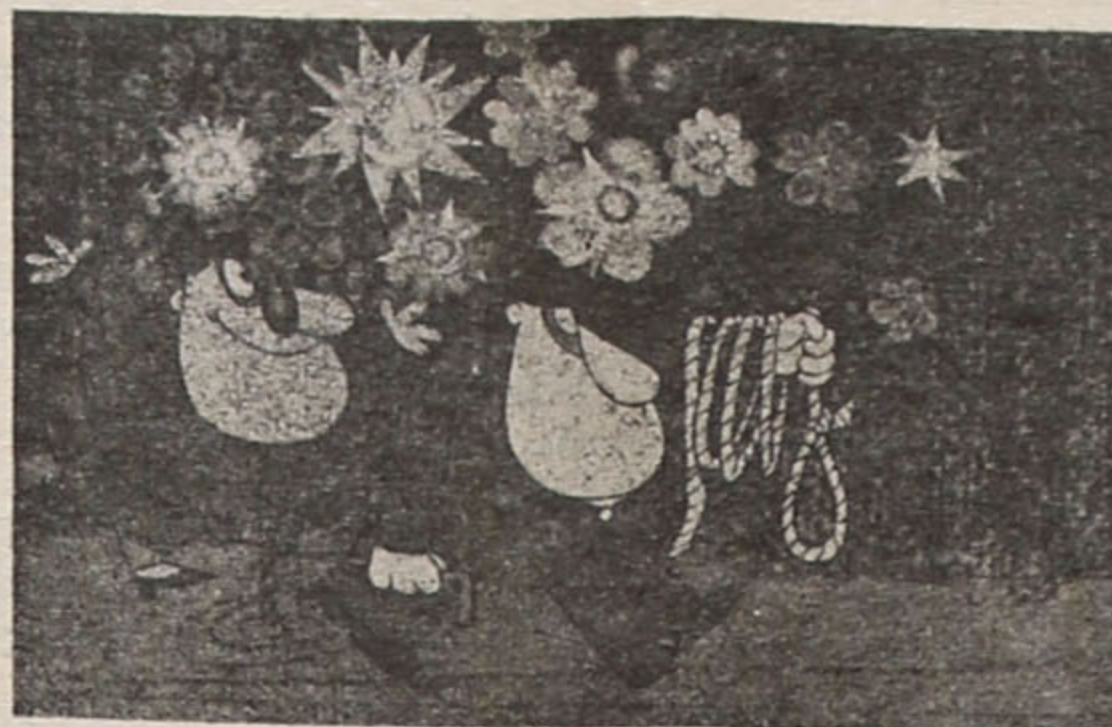
Experiência que podemos rotular de inédita em termos de Festivais Internacionais de Cinema de Animação, o Atelier do Cinanima vem crescendo de ano para ano, quer no número de participantes, quer na sua estrutura, quer ainda nos objetivos cuja prossecução pretende atingir. Daí que ao contrário de um atelier, podemos este ano no Salão da Piscina Municipal falar em três... É assim que durante cinco dias, no já pequeno Salão da Piscina de Espinho (dada a inexistência de outras salas disponíveis para o efeito...), sob a orientação do professor Gaston Röch (belga) da equipa de monitores franceses da «Collodion Humide» e de um naipe de animadores da Cooperativa Nascente, o atelier tentará este ano responder a novas exigências resultantes de debates que salientaram a necessidade de pro-

longar a acção desenvolvida nos anos anteriores.

Se bem que no Festival de Ottawa (Canadá) tenha havido uma preocupação com o ensino da técnica do cinema animado, ela não foi tão longe ao ponto de podermos falar num atelier de aprendizagem. De facto, a ideia de se colocarem especialistas a fazer desenhos animados, se bem que interessante, não permite o contacto directo dos iniciados com a forma de se fazer animação, o que reforça o ineditismo da iniciativa do nosso Festival. Mas como vai

ser afinal o(s) atelier(s) do CINANIMA 80?

Para já o período de funcionamento: de segunda-feira (dia 17 de novembro), até sexta-feira, das 10 às 18 horas. No seu encerramento, pelas 18 horas, ocorrerá um debate geral sobre o trabalho desenvolvido, no qual participarão todos aqueles que estiveram ligados ao atelier do Cinanima 80, bem como realizadores de cinema que estiveram no festival, críticos, jornalistas, associações de cinema, etc.



ATELIER I

O primeiro atelier de que podemos falar, é destinado a um primeiro contacto com o cinema de animação e daí o seu nome de atelier-iniciação. Será destinado prioritariamente a alunos das escolas de artes do país. Com uma capacidade inicial para 15 pessoas, as inscrições superaram as expectativas e a organização teve de «fazer das tripas coração» para conseguir alargar o número para trinta pessoas. São jovens, estudantes, que vêm dos mais diferentes pontos do país, desde Braga ao Funchal, passando pelo Porto, Coimbra, Lisboa, Águeda, etc.

Embora algumas inscrições tenham sido feitas a nível individual, há alunos entre outras, das Escolas Superiores de Belas Artes de Lisboa e do Porto, do Instituto de Belas Artes da Madeira, do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e ainda professores da disciplina de Educação Visual, que como se sabe é ministrada ao nível do ensino secundário.

ATELIER II

Vai também funcionar este ano um atelier-desenvolvimento, que terá como intenção o aproveitamento da cor e a sonorização. Os alunos serão naturalmente aqueles que nos anos

anteriores frequentaram o atelier e que por isso têm já algumas noções de como se fazem desenhos animados: assim, vão aliar às experiências a preto e branco feitas o ano passado, o colorido e o som.

As inscrições limitaram-se ao número de doze, já que o material existente condicionava um possível alargamento.

ATELIER III

A estes juntar-se-á um atelier-escolas, a desenvolver no âmbito de um atelier permanente, realização que a comissão organizadora do festival tem vindo a levar a cabo ao longo do ano lectivo com a cola-

boração de professores do ensino básico e secundário e destinado a crianças entre os nove e os treze anos.

As escolas que serviram como experiência piloto, foram essencialmente as do ciclo de Esmoriz e de Arcozelo.

Aposta-se assim nas camadas mais jovens, pois só elas poderão vir a dar um arranque decisivo ao cinema de animação em Portugal. Há que lançar bases, para que todo o trabalho desenvolvido ao nível do Cinanima e do próprio atelier não venha um dia a cair no esquecimento, mas pelo contrário, desperte um novo interesse por aquela a que alguns já chamam a «9.ª arte».



SURDEZ

O CENTRO AUDITIVO APRESENTA OS MAIS MODERNOS APARELHOS PARA A CORRECÇÃO DA SURDEZ

Consulte os nossos serviços em:

ESPINHO — FARMÁCIA TEIXEIRA — DAS 9 AS 10 HORAS
(6.ª feira, dia 28 de Novembro)

CINANIMA EM NÚMEROS

A linguagem dos números é, em certas ocasiões, eloquente, para que se possa aquilatar do valor duma realização, pelo menos sob o aspecto quantitativo. Como o «CINANIMA» é já uma organização de uma envergadura apreciável, aqui ficam alguns dados numéricos sobre o Festival.

□ No que respeita a Países concorrentes, esta 4.ª edição ultrapassa tudo o que até aqui foi conseguido. De facto, 28 Países estarão presentes, a saber: Austrália, Áustria, Bélgica, Brasil, Bulgária, Canadá, Checoslováquia, China, Cuba, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, França, Grécia, Holanda, Hungria, Índia, Inglaterra, Islândia, Jugoslávia, Polónia, Portugal, RDA, Roménia, Suíça, Turquia, URSS e Venezuela. De salientar a presença, como estreates neste Festival da Austrália, Áustria, China, Islândia, Turquia e Venezuela. Por outro lado, será de lamentar a ausência do Japão e da RFA.

□ Serão exibidos cerca de duzentos filmes (equivalente a mais de trinta horas de projecção), incluindo neste número filmes a concurso, retrospectivas e alguns da BILIFA destinados ao atelier.

□ Delegados oficiais das Embaixadas da China, Cuba, Venezuela e URSS anunciaram a intenção de estar presentes em Espinho, durante o Festival.

□ Órgãos da comunicação social que enviarão representantes para a cobertura do «CINANIMA/80», serão os seguintes: Jornal de Notícias, O Primeiro de Janeiro, Comércio do Porto, Portugal Hoje, Diário de Lisboa, O Diário, ANOP, RDP (programas 1 e 3 e RDP-centro), RTP, Rádio Renascença, Revista Arte e Opinião, Revista Celulóide, Revista Cinema Novo, Espinho Vareiro e Maré Viva.

□ Quanto aos Países que apresentam maior número de filmes a concurso, eles são: Inglaterra (com 16 filmes); EUA (com 15); Checoslováquia e Portugal (ambos apresentando 14 filmes).

□ Para esta quarta edição do «CINANIMA», a Organização mandou imprimir 1000 cartazes e igual número de catálogos. Esta entidade trabalha com cerca de seiscentos endereços em mais de quarenta Países.

GARAGEM AVENIDA

MANUEL DA SILVA RIBEIRO, LDA.

Agência dos Pneus «FIRESTONE»

Alinhamento de direcções — Equilíbrio de rodas por sistema electrónico

Lavagem automática — Reboque Permanente

Angulo da Av. 24 e Rua 29

ESPINHO

Telefs.: Oficina 921730 — Resid. 922097

CICLOMOTORES DE ESPINHO

ANTÓNIO F. DE SÁ ALVES

Armazém de acessórios para qualquer marca de motorizadas e bicicletas.

Motorizadas — Bicicletas — Acessórios

Av. 24 n.º 841 Tel. 923800 Apartado 107 ESPINHO

Casa especializada em artigos para Noivas
Acompanhantes, Comunhões, Lingerie e Pré-Mamã

ESPOSABELA

Rua 12 n.º 589 — ESPINHO

PAÍS

«A RTP deverá receber nestes dias uma recomendação da Comissão Nacional de Eleições no sentido de ser dado tratamento equitativo à matéria noticiosa relacionada com o próximo acto eleitoral».

Seria interessante conhecer com precisão até que ponto os votos dos eleitores são condicionados por factores mais ou menos alheios à própria eleição e ao(s) próprio(s) candidato(s).

Aqui haveria, antes de mais, a distinguir dois tipos de acção: as que visam divulgar, publicitar, dar a conhecer um candidato, e as que visam impingir um candidato cuja imagem vai sendo feita a bel-prazer dos políticos e dos técnicos. A televisão é tão sofregamente requisitada por ambos os motivos. Por um lado, é o meio de difusão mais capaz de levar a notícia completa, com imagem. Por outro lado, permite um conjunto de habilidades — veja-se a polémica das entrevistas directas ou em diferido... — fundamentais a quem pretende «vender o seu peixe» ao maior número possível de clientes, sem grandes preocupações

sobre a qualidade do «produto».

A RTP está ciente de tudo isto, além de estar politicamente comprometida com o Governo AD até às orelhas. Daí que Soares Carneiro, por si mesmo ou por interposta pessoa, seja vedeta de sucessivos programas em sucessivos dias e de sucessivas maneiras. Por arrastamento, Ramalho Eanes acaba sendo um candidato também com alguma saída na TV, embora menor que o «general de S. Nicolau» e com toques interpretativos de pendor mais negativo.

Entre outras questões discutíveis, sobressai esta: a RTP sabe que, se desse igual tempo ao restantes candidatos, Soares Carneiro perdia muito mais que Eanes. E porquê? Porque Carlos Brito desenvolve uma candidatura que, sem ocultar, «vota Eanes»; Otelo parece ter perdido muita da força galvanizadora que lhe deu, em 1976, tantos votos comunistas e socialistas (a questão fundamental de hoje é o «regime» e o argumento é o «mal menor»...); Aires Rodrigues não deve ter a sorte de «bisar» o equívoco do POUS/PST em 5 de Outubro.

VEIO NOS JORNAIS

Logo após as eleições presidenciais, o Governo vai elevar o preço da gasolina super para cerca de 54\$00, o que, em percentagem, significa um aumento de 20 por cento.

A campanha que, quase em segredo, tem estado a ser preparada pela AD para (re)lançamento de Soares Carneiro é, segundo círculos próximos dela, das mais poderosas, cuidadas e espectaculares até hoje montadas em Portugal.

Um milhão e 240 mil contos terá custado a nova sede do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, recentemente inaugurada na Avenida da Liberdade, em Lisboa.

«Aqui mesmo, a esta mesa, um homem do CDS ofereceu-me uma embaixada se eu desistisse das eleições presidenciais» — revelou Galvão de Melo.

A P E L E

Associação de Pais e Encarregados de Educação do Liceu Nacional de Espinho

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os Pais ou Encarregados de Educação de todos os alunos da Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira para uma reunião no dia 21 de Novembro de 1980, pelas 21,30 horas, numa das dependências deste estabelecimento de ensino.

Espinho, 10 de Novembro de 1980.

CAFÉ E RESTAURANTE COPÉLIA

Almoços e Jantares
Serviço à lista
Especializado em
Casamentos e Baptizados
Grande Variedade de
Petiscos
Rua 23 n.º 808 - Tel. 923152
ESPINHO

Maré Viva

O JORNAL DA REGIÃO

ALFAIATARIA MANO

José Ricardo Mano

Executa com perfeição todo o serviço para homem, senhora e criança

Rua 30 n.º 731 — ESPINHO
Telef. 921823

ALBUQUERQUE PINHO FILOMENA MAIA GOMES

— ADVOGADOS —

ESCRITÓRIOS
R. 31 de Janeiro, 45-2.º — Tel. 21939
4000 PORTO

Rua 19 n.º 343-1.º — Tel. 922964
4500 ESPINHO

DE PEQUENINO SE TORCE... O PRESIDENTE

Já Pires Veloso e Galvão de Melo estarão, talvez, em posição de captar algumas vozes no seio da AD, sabido como é a polémica e a estranheza que levou à «geração» de Soares Carneiro. Nunca seriam muitos votos; nunca aqueles dois militares teriam possibilidades de disputar a liderança ao candidato oficial de Sá Carneiro e Freitas do Amaral. Só que um reduzido número de votos poderá, nas eleições de 7 de Dezembro, ter um peso decisivo. A AD bem o sabe, quando tenta «comprar» a desistência de Pires Veloso e de Galvão de Melo. A Televisão também o sabe, e daí a marginalização de todos os «pequenos» candidatos — incluindo aqueles dois...

De resto, com que direito são os candidatos divididos em «grandes» e «pequenos», sendo-lhes distribuídos tempos de antena em consonância? Quais os critérios?

Diz a RTP (ou deixa entrever)

que os apoios partidários maiores ou menores conferem a dimensão ao candidato. Este argumento, todavia, subverte o próprio princípio da eleição presidencial tal como está consignado na Constituição — ainda em vigor, tanto quanto sabemos. A posição arbitral do IPR não pode ficar assim, de ânimo leve, amarrada ao xadrez partidário, sob pena de se esvaziarem de sentido alguns dos seus poderes consensuais.

No fundo, tudo isto reflecte um pouco do país. Reflecte o «país político» em que há partido(s) de primeira e tudo o resto é de quarta ou quinta categoria, com direito a quase nada. Reflecte o «país real» onde permanecem alguns cidadãos de primeira, uns tantos de segunda, a maioria de terceira ou quarta classe. Isso de Soares Carneiro falar em respeito pelas minorias é apenas um exemplo — mais um — do humor que vem espalhando em Portugal...

LUSITÂNIA

Nov./80

Ó GUIDINHA, ISSO DIZ-SE?

A fulgurante Marante, ampla e generosamente desabotoada na blusa, conduziu (?) na RTP a entrevista com o candidato Soares Carneiro. Saliente-se, à partida, o critério pluralista que presidiu à escolha dos jornalistas: «Diário de Notícias», ANOP e «Expresso»... enal tanto pluralismo...

Eis senão quando, entre duas abanadelas dos caracolíhos oxigenados, a Guidinha Marante vira-se para o candidato e diz assim: «Senhor Presidente, o sr. Presidente... hum! General!»

Ai, meninal Tanto joguinho psicológico que por aí anda...

MAIS UMA DO CABO DE GUERRA

O marechal Amaro depois de ter, baboso e impante de orgulho, dito que sabia tudo o que diz respeito à Defesa Nacional, achou que podia passar a tiradas de grau mais elevado. Assim, em Bruxelas disse que Portugal estaria disposto a ter armas nucleares! Na perspicaz visão do «das barricadas» pouco lhe importa que, em todos os aspectos (ou quase todos) estejamos na cauda da Europa. Fundamental, para semelhante cabo de guerra, é sermos o maior arsenal da Europa.

Isto para não falar na ambiçãozinha secreta do «defensor» — o porta-aviões americano no Tejo. Ai então, seria a glória!

TEVE PIADA...

Na citada entrevista que o candidato AD às presidenciais deu à TV, passou-se uma cena curiosa, e mais ainda para quem tem um aparelho a cores. Os entrevistadores fizeram uma série de perguntas a Soares Carneiro sobre Mário Soares. A certa altura da resposta o candidato disse «O sr. dr. Mário Soares já deve estar com as orelhas encarnadas!». É que os ORELHAS do candidato estavam fortemente enrubescidas...

STAND SERZEDENSE

António Martins da Silva

Assistência Total

Agente SACHS SIS — EFS

Tel. 9620675 — SERZEDO

V. N. DE GAIA

Talho e Charcutaria

CENTRAL

SERVIR BEM

BOAS CARNES

Rua 15 n.º 268 — ESPINHO

VISTA OS SEUS FILHOS

NA

BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

FONSECA

TECIDOS
MODAS

ESPINHO

Rua 19 n.º 275 - Tel. 920413

RESTAURANTE — SNACK - BAR

O PADRINHO

Especialidade da Casa: Cabrito assado

Aberto todos os dias até às 2 horas da manhã

Av. 24 n.º 697 - Tel. 920665 - ESPINHO



COMBATE À INFLAÇÃO!

BAIXA DE 20%.

Só possível na **TELE-ROCHA** Rua 31 N.º 469
Telefs. 920352
920977
ESPINHO

Campanha de trocas BERCKO

Televisor de cor 51 — O seu usado e apenas 42.000\$00

» » » 56 — » » » » » 45.000\$00

» » » 66 — » » » » » 52.000\$00

Máquina de lavar roupa (25.400\$00) — A sua usada e apenas 20.000\$00

Reparações imediatas ao domicílio

Montagem de antenas simples e colectivas

VISITE-NOS e veja a maior gama de artigos aos melhores preços

ROLANDO DE SOUSA

continuação da página 8

que atingiu em algumas modalidades. Há, entretanto, o caso vertente do António Leitão que, diz-se, é subsidiado. É ou não é?

R. S. — É um facto, o António Leitão é subsidiado pelo Sp. Espinho, e é o único atleta que poderemos considerar como tal. Não é um subsídio muito grande não é um ordenado, e entendemos que deve ser subsidiado porque é uma bandeira do clube

«ORDENADO DE JOSÉ MOREIRA É PERFEITAMENTE SUPORTÁVEL PELO CLUBE»

M. V. — Entretanto, o andebol e, esta época, o voleibol, recorrem a jogadores doutros clubes para assegurarem o tal nível competitivo. Isso também se faz à custa de subsídios?

R. S. — A nível do andebol, há alguns anos que se têm recrutado jogadores de outros clubes, mas os subsídios que auferem não são grandes, andam à volta dos 2 ou 3 contos, e são para deslocações que naturalmente pagamos. A política será errada, pois a equipa do andebol é praticamente constituída por jogadores de fora. Mas há uma explicação, que nos leva a aceitá-la, pois destina-se a ultrapassar o facto de o Espinho não ter aqui jogadores para formarem uma equipa de nível médio pelo menos. É uma situação que cremos será ultrapassada dentro de poucos anos, quando aparecerem atletas das classes jovens que os possam substituir. O trabalho nas classes jovens está-se a fazer e dará os seus frutos, estou certo disso. Aliás a secção de andebol está a fazer excelente trabalho, que ainda há pouco tempo foi reconhecido pela Associação de Andebol do Porto, quando disse que o SCE era o clube do norte que mantinha maior número de atletas em actividade.

Em relação ao voleibol, normalmente as nossas equipas eram formadas por jogadores da terra, mas lembre-se que as grandes equipas de voleibol que tivemos, contaram sempre com um ou outro atleta de fora, casos do António Teixeira, do Rodrigo, do Gilberto Luz e outros, que reforçavam a equipa, embora o corpo da equipa fosse de Espinho, como pensamos que deve ser sempre. Este ano a equipa aparece reforçada, dado que veio para cá o actual treinador-jogador José Moreira, que é dos melhores, senão o melhor valor do voleibol nacional, e que com ele trouxe dois atletas que quiseram acompanhá-lo na sua transferência. Não pagamos subsídio nenhum a esses dois jogadores, apenas as despesas de deslocação como é justo. O José Moreira é pago como treinador, como qualquer outro treinador do clube.

Claro que há a considerar que é um treinador com muito mérito, com trabalho feito no F. C. Porto reconhecido por toda a gente, e portanto tem uma remuneração ligeiramente superior à dos outros treinadores. Não é um ordenado que se possa comparar com o que ganhava no Porto, ele teve prejuízo e só veio porque entrou em litígio com o seu clube. Em Maio, soubemos que tinha problemas com o Porto e fomos perguntar-lhe se era verdade. Disse-nos que isso tinha sido ultrapassado e nós nem pensamos mais nele, porque sabíamos que não poderíamos competir com o Porto. Já em cima da hora, foi ele próprio que nos abordou, perguntando-nos se estávamos interessados. As con-

dições que nos apresentou considerámo-las aceitáveis e ele aí está.

M. V. — Diz-se, e voltamos ao diz-se, que o José Moreira é pago por amigos do SCE e não pelo clube, e que essa iniciativa poderia ter sido tomada em relação a todo o departamento e não restringir-se ao voleibol.

R. S. — O que o José Monteiro ganha é assegurado pelo clube. O dinheiro que sai do orçamento é igual aos dos outros técnicos do clube, e há um grupo de amigos do voleibol, gente da secção, friso, que paga o excedente. Isto ocorre não porque o clube não pudesse pagar a totalidade, mas porque o or-

çamento já estava feito e o problema teve de ser ultrapassado deste modo, para não prejudicar as outras secções. Essas pessoas dispuseram-se a suportar a diferença, mas diga-se que todo esse dinheiro entra nos cofres do clube, pelo que toda a gente, internamente, saberá quanto está a receber o José Moreira.

«PARA MANTER O NÍVEL DAS AMADORAS, O SCE DEVE ADAPTAR-SE SE NECESSÁRIO»

M. V. — O SCE está portandessa maneira, a assegurar o tal compromisso entre um nível competitivo aceitável, sem cair em loucuras, como disse há bocado. Mas nada nos garante que, para além dum F. C. Porto, outros clubes não passem a apostar em modalidades como o voleibol, o andebol, como já o fazem agora em relação a um basquetebol, ou a um hóquei em patins, onde o profissionalismo encapotado é já prática corrente. No caso de isso vir a acontecer, como conseguirá o Sp. Espinho manter um lugar cimeiro em várias modalidades? Aliás o problema já está a aparecer no caso concreto do atletismo, com o António Leitão...

R. S. — Julgo que, neste momento, a um nível superior ao Sp. Espinho, só haverá um Porto, um Benfica ou um Sporting, não só em ecletismo, mas no facto de, em clubes com futebol de I Divisão, não haver outros que estejam como nós a disputar campeonatos cimeiros de mais três modalidades, casos do andebol, do atletismo e do voleibol. Mas não há nada que nos garanta que isto no futuro possa continuar assim. Hoje começa a investir-se muito em termos de modalidades amadoras (no voleibol há já um indicio, com o Francisco de Holanda, de Guimarães, que levou para lá atletas a quem está a pagar autênticos ordenados) e temos de encarar esta nova realidade. Não podemos ficar agarrados a provincianismos, a amadorismos puros, porque as exigências que o desporto amador já faz a nível de competição já não são as mesmas de antigamente. Dantes o Espinho ficava campeão nacional de voleibol e só precisava de treinar uma vez por semana, ou pouco mais do que isso. Hoje as mentalidades mudaram e há que fazer um ajustamento, para não sermos cavaleiros andantes deslocados no tempo.

qui poderão sair os resultados, o que não quer dizer que também não haja no clube atletas sem nível competitivo. No entanto, a competição sempre foi uma das preocupações do clube e temos que a ter em conta. Por isso o Leitão é subsidiado e só-lo-á enquanto quiser ficar cá. O que não podemos é, evidentemente, entrar em loucuras, competindo em subsídios com os grandes clubes.

quanto já estava feito e o problema teve de ser ultrapassado deste modo, para não prejudicar as outras secções. Essas pessoas dispuseram-se a suportar a diferença, mas diga-se que todo esse dinheiro entra nos cofres do clube, pelo que toda a gente, internamente, saberá quanto está a receber o José Moreira.

Quanto ao facto da iniciativa se restringir ao voleibol, foi um caso pontual, pois experiências anteriores de quotas especiais para o departamento de sócios do D. A. A., não foi bem aceite, pois houve quem entendesse, com razão, que deveria haver apenas sócios do Sp. Espinho e não do futebol, por um lado, e das amadoras por outro.

Não sei se o Espinho terá possibilidade de manter este nível, dado o seu ecletismo. É fácil manter uma equipa forte numa modalidade, com dinheiro, mas quando são várias e se têm despesas com classes jovens isso torna-se mais difícil. O Espinho deve apostar em manter tudo isto e o seu futuro poderá ser aquele que os seus associados e as forças vivas da terra entenderam que deve ser.

M. V. — Um outro problema que se levanta diz já respeito às próprias classes jovens, aos escalões mais altos, onde se torna cada vez mais difícil ao desporto competir com outros tipos de solicitações à juventude, cada vez maiores, sem recorrer aos tais incentivos, tipo subsídio. Pensa que o Espinho deverá também ir por este caminho, se necessário?

R. S. — Por uma questão de formação desportiva, sou contra os subsídios, dado que fiz toda a minha vida desportiva com esse ideal cem por cento amador. Mas penso que esse tempo já passou e, face a uma situação dessas, poderé ser eu próprio a defender esses subsídios. É um novo desafio, que, como disse, ficará ao critério de quem pode querer que esse nível competitivo, e a necessária formação de base com os jovens, seja ou não mantidos. Na minha opinião pessoal, se tiver que me adaptar, fá-lo-ei.

VOLEIBOL — Dois pontos para o título

REGIONAIS — SENIORES I DIVISÃO — Leixões, 3 — SCE, 1. SENIORES III DIVISÃO — AAE, 3 — Serzedo, 0. FEMININOS I DIVISÃO — Leixões, 3 — SCE, 0. JUVENIS AAE, 0 — Esmôriz, 3; AAE, 0 — SCE, 3. INICIADOS — AAE, 0 — Nun'Álvares, 3.

A derrota dos seniores em Matosinhos, em jogo empolgante, permitiu aos espinhenses manterem-se no 1.º lugar, pois da igualdade em «sets» nos jogos cá e lá (3-1) tira vantagem de dois pontos no total: 15-10, 15-10, 8-15, 15-9 em Espinho (53-44) e 15-12, 17-15, 15-17 e 15-11 em Matosinhos (62-55). Se o SCE não perder nenhum jogo (há visitas ao Porto e a S. Mamede), o título regional será seu.

Entretanto, na III Regional, a AAE prossegue imparável, sem perder um único «set», e está apurada para a fase final que, no caso de vencer, a colocará, já esta época, na II Regional. Curiosidade: os «sets» com o Serzedo foram 15-10, 15-2 e... 21-19!

ANDEBOL — Derrotas quase vitórias

SENIORES — A. S. Mamede, 18 — SCE, 17; SCE, 23 — F. C. Porto, 24. JUNIORES — Gaia, 19 — SCE, 18. INICIADOS — F. C. Porto, 20 — SCE, 5. JUNIORES FEMININOS — SCE, 18 — Maia, 13. JUVENIS FEMININOS — Lapa, 0 — SCE, 6.

As derrotas tangenciais dos seniores evidenciam pouca felicidade da equipa, que aqui, frente ao fortíssimo F. C. Porto, ofereceu um espectáculo memorável e veio a ser derrotada por uma arbitragem tendenciosa, apostada em mostrar que aqui, no Norte, é «proibido» ganhar ao F. C. Porto.

Realce ainda para os juniores femininos, que ascenderam ao 1.º lugar do torneio de abertura, e para o pouco normal 6-0 das juvenis.

HÓQUEI EM PATINS

SENIORES — Infante de Sagres, 12 — AAE, 3; AAE, 1 — Valongo, 11. INICIADOS — F. C. Porto, 1 — AAE, 2. INANTIS — F. C. Porto, 7 — AAE, 1.

Ao colapso inexplicável dos seniores e à carreira menos agradável dos infantis (e não «mais agradável» como por gualha saiu no último número), há que juntar a excelente vitória dos iniciados que, ultrapassando nas Antas o obstáculo mais difícil, seguem, só com vitórias, a caminho da conquista do Torneio de Abertura.

HÓQUEI EM CAMPO — Torneio Início

I DIVISÃO — Canelas, 1 — AAE, 1. RESERVAS — AAE, v. — Lousada, f. c.

FUTEBOL — Juniores

SCE, 2 — Anadia, 1

Primeira vitória em casa, um salto para a metade superior da tabela, numa partida cheia de mau futebol e muita vontade.

COMPLEXO DESPORTIVO

«SCE DEVE SER MEDIADOR»

M. V. — Um último aspecto, refere-se às instalações desportivas, que estão longe de poder aguentar o desenvolvimento da actividade do Sp. Espinho, questão que se põe mais agudamente em relação à tão falada pista de atletismo. Pensa que o clube poderá sobreviver, se vir essas soluções adiadas por muito mais tempo?

R. S. — As instalações são de facto exíguas, o que nos obriga a utilizar os diversos pavilhões escolares que existem em Espinho. Impunha-se por exemplo o alargamento do pavilhão para nascente e isso custa muito dinheiro. O D. A. A. poderia apostar nisso, mas prejudicaria, ao usar o nome do Sp. Espinho, a possibilidade de o futebol pelo seu lado angariar

receitas indispensáveis. E considero o futebol importante, pela quantidade de sócios que cataliza.

Em relação à pista de atletismo, nós aguardamos o que for decidido em relação ao complexo desportivo. Quanto a isto, a minha opinião pessoal é a de que há necessidade absoluta de o SCE desenvolver acções que levem ao encontro de uma solução, que haja entendimento entre as duas forças, política e económica, que têm nas mãos essa solução. Acho que ao Espinho, como principal interessado, para além da população, deveria caber um papel mediador, entre as opções divergentes que todos sabem existir. Esperemos que isso suceda, para bem da população e do Sporting.

Serviço de camionagem e máquinas para aterros, desaterros e demolição de prédios

Alberto Rodrigues da Silva

TELEF. 921618

Largo do Pelourinho — ESMOJÃES — Anta - Espinho

SNACK - BAR

PRÍNCIPE

RESTAURANTE

Encerra à terça-feira

R. 14 n.º 473 (âng. Rua 15)
Telef. 922247 — ESPINHO

Homem do voleibol, de jogador campeão nacional a treinador, Rolando de Sousa preside hoje ao Departamento das Actividades Amadoras do Sp. Espinho. Nessa qualidade se fez esta entrevista, longa, mas necessária ao esclarecimento do «diz-se», e importante contributo para a clarificação do que pode ser o desporto amador em Espinho.

ROLANDO DE SOUSA, presidente do Departamento de Actividades Amadoras do Sp. Espinho:

«António Leitão é o único atleta que se pode considerar subsidiado»

entrevista

M. V. — O desporto amador em Espinho está numa espécie de encruzilhada, que lhe põe simultaneamente dois caminhos: o da manutenção dos princípios do desporto amador e o desejo de conservar o alto nível competitivo que atingiu sem violar esses princípios. É uma questão que se colocou recentemente na

Associação Académica e com que certamente o Sp. Espinho se está a defrontar.

Em relação ao Departamento de Actividades Amadoras do SCE há, entretanto, uma questão que gostaria que abordasse previamente, ou seja, a de o D.A.A. não contar com o orçamento

corrente do clube (quotas e outras receitas) que vão integralmente para o futebol. Na prática, parece que os sócios pagam as suas quotas apenas para o futebol, o que até é confirmado por, em outras modalidades, terem de pagar bilhete de ingresso.



«AUTONOMIA FINANCEIRA BENEFICIA AS AMADORAS»

R. S. — Efectivamente o D.A.A. tem autonomia financeira em relação ao clube, isto já há uns anos, e por acaso a iniciativa partiu de mim, quando há uns sete ou oito anos estive à frente das actividades amadoras. Devo frisar que é apenas uma autonomia financeira, pois de resto o clube é só um. Desde então tem sido sempre assim, com o eng. Arménio Gomes e agora outra vez comigo. O que acontecia é que sendo o futebol muito deficitário (como o é em quase todos os clubes), as próprias verbas que as actividades amadoras conseguiam arranjar eram em grande parte absorvidas pelo futebol, restando receitas insuficientes. Já na altura se faziam aqueles bailes de Carnaval e passagem de ano que garantiam praticamente as despesas das amadoras. Pus então, quando fui convidado para director, a questão de me dedicar quase exclusivamente às actividades amadoras e o dr. Lito Gomes de Almeida, então presidente, deu-nos autonomia, criando-se o D.A.A.. E ainda bem que o fez, porque até muito do que está gasto no pavilhão se deveu ao trabalho das amadoras.

Assisto às reuniões da direcção e compreendo que, com tantos problemas com o futebol, as pessoas mal possam pensar no resto. Isso não prejudica o nosso trabalho, pelo contrário, penso que se não se tivesse criado essa autonomia as actividades amadoras não teriam sobrevivido.

Claro que podemos dizer que as quotas que os sócios pagam

vão inteiramente para o futebol, mas é ponto assente que se, por acaso, o dinheiro que conseguimos angariar não for suficiente, a direcção cobre o nosso prejuízo. Não tem sido preciso e não pensamos que se deva exigir que parte do dinheiro da quotização seja entregue às actividades amadoras, até porque reconhecemos que não há essa possibilidade. Aliás as receitas têm chegado, graças aos auxílios que temos recebido e, diga-se, à nossa capacidade de trabalho, que vem permitindo angariar receitas anuais da ordem dos 1500 contos. E não vamos mais longe nas angariações para não prejudicarmos angariações do mesmo tipo que o futebol vem fazendo e lhe são extremamente

necessárias. Embora não estejamos a fazer loucuras, as nossas previsões para o D.A.A. apontam este ano para um défice de 600 contos, que tentaremos cobrir de alguma maneira, sem recorrer à direcção que se dispôs a isso se necessário, pois sabemos que irá ter com o futebol o maior défice de sempre.

Numa visão catastrófica acho que poderá estar em causa a sobrevivência do clube, a menos que apareça uma nova direcção dinâmica, com o tempo que esta não teve, para resolver o problema.

M. V. — Pode-se então entender que a autonomia do D.A.A. é na sua defesa e não o prejudica?

R. S. — Exactamente.

BILHETES: UM ESCLARECIMENTO POR FAZER

M. V. — Já agora, que referiu a capacidade de angariação do D. A. A., acha que a cobrança de bilhetes aos sócios nos jogos de andebol e de voleibol, agora, que aqui abordámos recentemente, é importante para o seu orçamento?

R. S. — O voleibol só este ano começou a cobrar bilhetes, de uma importância de 20\$00 que não é significativa. A receita que normalmente obtemos pouco mais dá do que para o custeamento da organização (policiamento, arbitragem, etc.) e é apenas no sentido de minorar as despesas da secção e não para resolver todos os problemas do

Espinho. É uma verba simbólica e nós não fazemos uma exigência, sobretudo em relação aos jovens, e se um sócio se recusar a pagar bilhete, em jogos de lotação reduzida, nós somos capazes de contornar a situação. Aliás, não é só em Espinho que isso acontece, pois vem-se fazendo em todos os outros pavilhões desde há vários anos. Este ano adoptámos isso e apenas em relação aos jogos de seniores.

M. V. — Não acha que esse bilhete, por muito pouco significativo que seja poderá afastar alguns sócios do acompanhamento da actividade das secções voleibol ou andebol, neste caso?

POVO DO BAIRRO ORGANIZA-SE

profundo desânimo e indignação naqueles moradores.

Mas é aqui que a Comissão eleita pensa atacar. Tentarão numa primeira fase fazer sentir que é tempo de cumprir promessas. Provocarão com a recolha de assinaturas reuniões da Assembleia de Freguesia e da Assembleia Municipal e estão dispo-

tos ao diálogo com todas as instâncias para, por bem, chegar a um acordo.

Dois princípios ficaram já assentes. «As casas ocupadas pelos moradores há mais de 20 anos terão de ser sua pertença. As outras, vamos conversar, nem que para isso tenhamos de ir a Aveiro ou Lisboa».

Viemos convencidos

continuação da página 1

que desta feita o Povo Vareiro venceu a primeira batalha. Organizou-se. A Comissão que escolheu, ampla, e que não mereceu contestação, está apta a levar por diante as fases da luta que sem «cagaços», como ouvimos dizer, irá até ao fim. Primeiro a bem... depois se verá.

OS EQUIPAMENTOS DA SOLVERDE

M. V. — Para concluirmos esta questão de dinheiros, queremos aqui ser intérpretes da opinião de várias pessoas, que pensam que o Sp. Espinho não terá feito um contrato vantajoso com a Solverde na questão dos equipamentos, sabendo-se que outros clubes conseguem estabelecer muito melhores condições para a concessão de publicidade.

R. S. — A Solverde não fez nenhum contrato com o Espinho em relação a publicidade. Ofereceu ao Espinho uma certa quantidade de fatos de treino sem a obrigatoriedade (pelo menos o ofício não o declarava expressamente) de o Espinho os usar e de não poder usar outra publicidade que não fosse a da Solverde.

Ora essa oferta deveria ter sido escrupulosamente cumprida pelo clube e não o foi. Cometeu-se um erro grave, pois o dinheiro para os fatos de treino entrou na tesouraria do clube, mas parte dele foi utilizado para resolver necessidades prementes, sempre com a intenção de mais tarde esse dinheiro vir a ser aplicado nos fatos de treino. A verdade é que não foram comprados na sua totalidade. A Solverde publicamente ainda não nos chamou a atenção, mas sei que particularmente se sentiram de certo modo chocados e com toda a razão.

M. V. — Mas, para além disso, o que se diz é que se não

R. S. — Poderá não estar feita ainda, mas repare que, mesmo sem essa campanha, o voleibol tem levado consigo bastante gente aos jogos fora, sobretudo jovens. Como disse, não fazemos grandes exigências de pagamento dos bilhetes, a não ser em jogos onde possa haver casas cheias. Mas mesmo aí, estamos a pensar em criar um local para os jovens, que entrem sem pagar.

pode entender que a oferta da Solverde seja simplesmente uma oferta, dado que há uma contrapartida na publicidade e que, especialmente a que se faz no campo da Avenida, é valiosa, pelo que o próprio valor dos fatos de treino não chegaria para a pagar em termos de transacção comercial.

R. S. — Admito que possa ser vantajoso para a Solverde, mas note que em Espinho não há empresas com interesse em fazer essa publicidade. Aqui as grandes empresas têm o seu produto vendido, o que poderá intervir é apenas o amor clubístico, como foi o caso ainda recente da Jotex. Sei que no sul há empresas que pagam essa publicidade, e que apostam nela. É uma prática já muito corrente no estrangeiro, mas aqui não penso que haja ainda condições para isso, e as coisas não vão mais longe do que uma simples oferta de fatos de treino, que agradecemos.

LEITÃO

M. V. — Talvez possamos agora passar à parte desportiva propriamente dita, pegando na sua frase de há pouco, de que «não fazemos loucuras», o que se entenderá como uma afirmação de que o D.A.A. não ultrapassa os limites do razoável para contornar o amadorismo puro e assegurar o alto nível competitivo

continua na página 7

o fechar

OS vereadores do P. S. decidiram adiar «sine dia» a apresentação a discussão e votação da sua proposta que defendia a obrigatoriedade de todas as acções camarárias passarem por um consenso do executivo.

Pela polémica que a proposta suscitou, deverá entender-se esta atitude do P. S. como um gesto de boa vontade e apaziguamento. É de esperar que os demais vereadores o entendam dessa maneira e saibam corresponder.



PORTE PAGO

A Biblioteca Guilbenkian
Rua 21 - ESPINHO